

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE ENFERMAGEM
COMISSÃO DE GRADUAÇÃO – ENFERMAGEM
ENF 99003 – ESTÁGIO CURRICULAR

**VIOLÊNCIA SEXUAL NA ADOLESCÊNCIA:
REPERCUSSÕES NA VIDA ADULTA**

Trabalho de conclusão apresentado
à disciplina de Estágio Curricular.

Acadêmica: Ana Andréa Andrade*

Orientadora: Dra. Eva Neri Rubin Pedro**

Porto Alegre, dezembro de 2000.

* Acadêmica da Escola de Enfermagem da UFRGS.

** Professora Adjunta do Departamento de Enfermagem Materno Infantil da Escola de Enfermagem da UFRGS.

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO	03
2.	REFERENCIAL TEÓRICO	04
2.1	VIDA ADULTA E SUAS CARACTERÍSTICAS	04
2.2	VIOLÊNCIA SEXUAL CONTRA A MULHER	13
3.	OBJETIVOS	16
4.	O CAMINHAR METODOLÓGICO	17
5.	ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS	19
6.	CONSIDERAÇÕES FINAIS	25
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	27
	ANEXOS	28

1. INTRODUÇÃO

O presente estudo constitui-se no trabalho de conclusão de curso de Enfermagem. O tema compreende a violência sexual vivida na fase de adolescência e suas repercussões na vida adulta, tendo como base um estudo de caso.

O questionamento levantado por esse estudo é como a violência sexual praticada contra uma mulher, na sua adolescência, repercute na sua vida futura, nos aspectos sociais, culturais, econômicos e afetivos.

Tal tema foi escolhido a partir de determinadas experiências que tive em estágios ao longo do curso, ao me deparar com pacientes que sofriam as possíveis conseqüências desencadeadas por tal fato, tais como depressão, aversão a exames ginecológicos ou outros exames clínicos em que havia a necessidade de tocar no corpo.

O interesse foi de aprofundar meus conhecimentos acerca de violência sexual contra a mulher, para com isso, como futura enfermeira, saber conduzir da maneira mais adequada possível, situações em que a mulher atendida tenha sido vítima desse tipo de agressão, independente dessa experiência ser recente ou não em sua vida.

A relevância desse estudo está em levar aos demais profissionais da área da saúde, uma contribuição no sentido de despertá-los para seu papel frente à mulher vítima de violência. É importante que se estabeleça um canal de comunicação que possibilite, além de minimizar uma situação conflitante, compreender certas reações e ajudá-las no enfrentamento das mesmas.

2.1 VIDA ADULTA E SUAS CARACTERÍSTICAS

A idade adulta, ou adulto jovem, é a faixa etária que se situa entre os 20 a 40 anos de idade, conforme Olds e Papalia (1998). Esses anos também chamados de “*transição*” são considerados uma divisão arbitrária na qual existe uma grande variabilidade na ocorrência de acontecimentos tidos definidores e de mudanças gradativas.

Mosquera, na sua obra “*Vida Adulta*” (1987), faz uma citação de Murphy (p. 17), a qual diz que “*a consciência de si é um claro fator de uma pessoa integrada, inteira e que procura o seu equilíbrio em uma estrutura e organicidade.*”

Diz ainda que uma das bases estruturais da personalidade humana, principalmente do adulto, se caracteriza por valores, atitudes, crenças e intenções.

As condições de vida cotidiana e as avaliações culturais exercem forte influência sobre a auto-imagem pessoal. A sociedade exerce forte influência sobre os tipos de comportamento que cada indivíduo elabora no decorrer de sua existência. A auto-estima afeta não só a imagem pessoal, mas a social. É considerada o conceito mais relevante no desenvolvimento da personalidade humana. A natureza da auto-imagem reside no conhecimento individual de si mesmo e no desenvolvimento das potencialidades.

Para Hubert, citado por Mosquera (1987, p. 79):

“o acesso ao equilíbrio mental assinala o fim da adolescência e inaugura a idade adulta jovem. No entanto, Mosquera coloca que esta etapa de desenvolvimento psicológico não é feita de maneira instantânea, nem se dá da mesma forma em todos os indivíduos. A formação da

personalidade consiste em um processo de auto-aprendizagem o qual conduz à realização e a um ideal de vida..”

Com relação à profissão no adulto, esta parece ter um papel altamente relevante, principalmente no adulto jovem. O ser humano não trabalha somente para viver, mas para desenvolver-se e afirmar-se. O significado do trabalho é essencial para uma personalidade sadia, pois não se trabalha apenas pelo salário, mas o trabalho significa a participação em um desempenho comum. Assim, quando o legítimo desejo de se afirmar parece diminuído, o que é comum na sociedade de consumo, as conseqüências apresentadas costumam ser: medo da perda do emprego e/ou não ter possibilidade de ganho adequado, identidade abalada ou destruída por não conseguir auto-estima e auto-imagem o suficientemente sólidas, e, finalmente, incompetência, visto que a tarefa não corresponde ao preparo e nível de expectativa que cada indivíduo desenvolve a respeito de seu valor.

Assim como os homens, as mulheres trabalham para ganhar dinheiro, obter reconhecimento e satisfazer vontades pessoais. O aumento de mulheres nos campos de trabalho e que buscam uma profissão, é fenômeno mundial e cada vez maior. No entanto, as mulheres continuam sendo discriminadas com relação a salários e a oportunidades.

Além disso, as mulheres tendem a ganhar menos que os homens, e embora um número maior de mulheres esteja conquistando melhores empregos do que no passado, a maioria delas ainda ocupa posições mal remuneradas.

Tendências de se casar mais tarde, gerar filhos em idade mais avançada, formar famílias menores, assim como horários flexíveis nos empregos e compartilhamento desses, facilitaram as realizações das metas de milhares de mulheres no mundo. Porém, principalmente durante os anos de criação dos filhos, essas mulheres tendem a trabalhar em empregos de meio turno e/ou em serviços simples, onde ganham um salário inferior ao dos homens.

É cada vez maior o número de mulheres que se dedica as profissões em campos de trabalho até então monopolizados e dominados por homens.

Os adultos jovens, no início de sua jornada, que é quando entram nos 20 anos, necessitam conquistar independência, responsabilidade, competência e igualdade. Tudo isso relacionado com a sensualidade. Costuma ser durante os anos seguintes que a maioria de nós toma decisões importantes sobre o estilo de vida sexual que terão e os tipos de relacionamentos que serão estabelecidos (heterossexuais ou homossexuais ou bissexuais; poligâmicos ou monogâmicos; casar-se ou ficar solteiro).

É característica do adulto jovem o impulso a se impor. Há uma intensa necessidade de se expandir e desejar êxito, consideração e, naturalmente, influência.

A profissão exerce uma forte influência sobre o desenvolvimento da personalidade, conservando traços característicos que o indivíduo desenvolveu ou criando tensões que provocarão alteração na personalidade se a pessoa não admite a mudança. A identidade do ser ganha solidez mediante a identificação com um grupo de pessoas que perseguem objetivos similares ou com os costumes desse grupo.

No processo de aprendizagem de uma profissão, a pessoa aprende tanto um modo de viver como os conhecimentos e as habilidades próprias da profissão em questão. As influências na aprendizagem contribuirão para moldar muitas facetas da personalidade humana. A profissão tem suas vicissitudes como formas de se expressar comportamentalmente, já que muitas vezes não existe correspondência entre aquilo que almejamos ser com aquilo que desempenhamos. Por outro lado, parece ser relevante assinalar a dificuldade específica que aparece com o decorrer dos anos e que consiste no habitual ou no surpreendente, isto é, no preparo repetido e obrigatório que cada profissão exige dos indivíduos, especialmente complexos e especializados. Esse é um dos grandes problemas que deverá defrontar o adulto jovem na afirmação de si mesmo como ser significativo, idealista e reformador da sociedade.

Com relação à vida profissional, o adulto jovem escolhe uma determinada profissão não só para sustentar-se mas para gerar satisfação (importante na felicidade e satisfação de viver). As mulheres que têm uma profissão se mostram, geralmente mais satisfeitas com suas vidas e fisicamente mais saudáveis do que as do lar.

A quantidade de fatores que influenciam na escolha da profissão é imensa: sexo, grupo étnico, inteligência, desempenho escolar, personalidade e auto-conceito, valores familiares, formação acadêmica.

A satisfação da mulher no trabalho costuma aumentar com a idade. Porém, a experiência de trabalho costuma não ser contínua, principalmente nos primeiros anos de vida adulta. Isto se deve à maternidade (amamentação e/ou criação dos filhos).

Com relação a relacionamentos afetivos, Remplein citado por Mosquera (1987, p. 88), diz que

“o amor é o modo especial que se encontra fortemente ligado à afirmação de si e que procura a eleição de um ideal através de uma companhia. A mulher, nessa fase da vida, parece ser mais capaz de experimentar um amor objetivo e espiritualizado.”

O desenvolvimento e a compreensão do sexo nos jovens é bastante importante por assinalar diferentes níveis evolutivos para a compreensão do adulto jovem e, assim, o conceito de sexo humano está intimamente determinado pelo grupo de companheiro, a qualidade das experiências afetivas anteriores e, especialmente, o clima emocional desenvolvido na família.

Com relação à afetividade, a autora cita Erikson, que definiu intimidade como *“a capacidade de fundir sua identidade com a de outra pessoa, sem recear perder algo de você”*. (Bee, 1995, p. 311). Cada um de nós que deseja executar essa tarefa precisa encontrar um parceiro, um único indivíduo com quem pode-se encontrar ou criar um apego de intimidade e segurança. Essa relação central compõe, assim, a base segura de onde todo o adulto pode partir para o mundo profissional adulto, ela cria ainda, obviamente, a família nuclear em que será educada a próxima geração de crianças. A pessoa que não tem sucesso de criar essa relação de intimidade, esse apego adulto focalizado, não terá essa base segura e vivenciará um senso de isolamento ou solidão. No que tange ao processo de escolha do parceiro, fica claro, a partir de pesquisas, o elemento mais forte na atração entre as pessoas e na seleção do parceiro, é a similaridade. Somos atraídos por pessoas que percebemos parecidas conosco – na idade, na educação, na classe social, na pertinência a um grupo étnico, na religião, nas atitudes, nos interesses ou no temperamento. Os sociólogos descrevem isso como processo de *“acasalamento por ajuste”* ou *“homogamia”* (Bee, 1995, p. 313), havendo evidências de

que as parcerias baseadas na homogamia apresentam mais probabilidade de duração do que aquelas em que os parceiros possuem diferenças marcantes.

Há uma espécie de processo de troca envolvendo a escolha do parceiro. Cada um de nós possui certas vantagens a oferecer a alguém. As mulheres parecem estar mais propensas a preocupar-se mais com o futuro profissional ou a situação econômica do companheiro futuro, parecendo buscar um casamento econômico e social.

Os padrões de comportamento sexual estão fundamentados em valores sociais e que, muitas vezes, podem entrar em conflito com a rápida evolução comercial do sexo e a liberalidade aparente, existente nas sociedades contemporâneas. Embora o sexo não seja um determinante único na vida afetiva, ele desempenha um papel muito significativo desde o ponto de vista de afirmação da personalidade adulta. O adulto jovem está desejoso e cheio de energia para propiciar amor e ter satisfação sexual. O sexo está implícito muitas vezes, no amor, podendo ter um significado que pode variar desde o aspecto comercial até a solidariedade ou cumprimento de um ritual. É evidente que o amor leva à gratificação nas necessidades básicas, afirma o valor, diminui o nível de frustração, propicia maior nível de competência, traz aceitação de si mesmo e ajuda no desenvolvimento de uma personalidade sadia.

Estes sentimentos são particularmente importantes no que diz respeito à virgindade conservada cuidadosamente e à imagem que se faz da vida afetiva como algo separado do comportamento sexual. O indivíduo se sente alheio a si mesmo e pode acontecer que, por vezes, realize uma separação do seu corpo com a sua imagem psíquica.

Outra atitude, que caracteriza o adulto é a aprovação do sentimento que possuímos. Isto evidencia um desenvolvimento da personalidade, no qual aceitamos nossa disponibilidade e nossa pessoa como algo intrínseco e unitário. Nestes momentos se dá a verdadeira intimidade pessoal.

Erikson segundo Mosquera (1987, p. 91) diz que *“o fato de que o amor seja a mais grande das virtudes humanas é bastante significativo porque nos dimensiona na particularidade do verdadeiro sentido de viver.”*

O amor, para Erikson, é a mutualidade da integração de um casal em uma identidade compartilhada. Por tal razão, o amor no seu sentido mais autêntico, pressupõe

identidade e fidelidade. O amor íntimo é o guardião do poder transcender, dar forma à vida, procriar e produzir.

O amor no adulto jovem é, acima de tudo, um amor eleito, ativo e em qualquer hipótese consiste em afiliação que nos dá uma nova maneira de viver.

A sexualidade adulta se caracteriza pela genitalidade, quer dizer, a capacidade para uma consumação plena e mútua do ato sexual.

Erikson citado por Mosquera (1987, p. 91) nos fala que a primeira crise básica na vida adulta é a da identidade. *“Somente quando a formação da identidade está em pleno desenvolvimento é que a verdadeira intimidade é possível.”*

O autor ainda refere que:

“A intimidade sexual é apenas uma parte do que se tem em mente, pois é óbvio que as intimidades sexuais precedem, freqüentemente a capacidade para desenvolver uma autêntica e mútua intimidade psicossocial com uma outra pessoa, seja na amizade, em encontros eróticos ou em inspiração conjunta.”

Beall e Sternberg, também citados por Olds e Papalia (1998 p. 411) dizem que o amor é uma construção social, um conceito criado pelas pessoas a partir de suas *“percepções culturalmente influenciadas pela realidade.”* Isto é, diferentemente as pessoas conceituam o amor, e o seu modo de pensar sobre esse, afeta o que é sentido. É indiscutível que a aprovação da família e da sociedade, reforça a satisfação e o compromisso com o parceiro no relacionamento.

A eleição de um cônjuge parece ser a culminância da vida afetiva do adulto jovem. É o momento decisivo da existência humana. Segundo Lidz citado por Mosquera (1987, p. 91), o matrimônio constitui o início de um novo caminho na vida e a responsabilidade de um estado muito diferente do anterior. A felicidade dependerá, em grande parte, do relacionamento que se estabeleça e, embora o matrimônio legalize o ato sexual, é apenas uma porta para uma união onde ambos correm o risco de empenhar a sua intimidade até desenvolver os aspectos de identidade pessoal neste novo estágio.

Apaixonar-se é, em grande parte, um processo alheio à atividade racional. Parece que depende de determinantes inconscientes que se remontam à infância. Porém, se observa que estes processos inconscientes podem ser mais apropriados que as

elaborações intelectuais para unir as tendências difusas dos indivíduos, as incoerências de julgamento das pessoas, as lembranças sentimentais e muitas vezes as carências.

Não podemos nos esquecer do papel poderoso da atração sexual e do igualmente profundo papel dos padrões de personalidade e apego na modelagem de nossas escolhas dos companheiros e do padrão de relacionamento que criamos com esses parceiros. O papel dos modelos internos de funcionamento do apego na seleção de um parceiro e na formação de um relacionamento têm fundamental importância. Cada um de nós tende a recriar em nossas relações de parceria o padrão que trazemos em nosso modelo interno de apego.

Os adultos com modelos de apego seguros, são inclinados a confiar nos outros, a encarar seu parceiro como amigo e como amante, a mostrar pouco ciúme e reduzida ansiedade quanto ao seu afeto ser recíproco ou não. Eles proporcionam mais apoio a seus parceiros, em situações de tensão ou ansiedade, e buscam conforto com o parceiro com mais facilidade.

Com relação à capacidade reprodutiva, o risco de aborto e outras complicações na gravidez é maior quando a mulher se encontra na casa dos 30 anos do que na dos 20. A fertilidade (capacidade de conceber) também se encontra em seu pico máximo no final da adolescência e no início dos 20 anos, passando a reduzir-se consistentemente.

As diferenças de gênero no comportamento sexual vem diminuindo cada vez mais nas últimas décadas. É cada vez maior o número de mulheres que fazem sexo antes do casamento e fora deste. As mulheres continuam menos inclinadas à masturbação mas são, igualmente aos homens, propensas a fantasiar durante um ato sexual com o parceiro.

Uma importante pesquisa constatou que a metade dos adultos jovens nos EUA tinham tido menos de 4 parceiros ao longo de toda sua vida sexual; 67% dos homens e 75% das mulheres afirmaram terem tido apenas um parceiro (a) no ano anterior. Em países europeus, essas proporções comparáveis são ainda maiores.

A procura de um companheiro está determinada por padrões comportamentais da cultura de cada indivíduo, mas também tem um papel importante a

própria personalidade e o idealismo que se faz acerca de um futuro companheiro. Esse passo é decisivo para a construção de uma forma de vida que virá a ser a vida a dois.

Concluindo, o adulto jovem se afirma através da profissão e do relacionamento afetivo. Propõe-se com isso, a idéia da motivação pelo trabalho e a afirmação na ternura. O idealismo do adulto jovem está em criar um mundo, talvez a sua impaciência e o seu desejo de modificar este mundo seja extremamente idealista, visto que a sociedade observa com bastante fidelidade os seus padrões ocultos que não condizem muitas vezes com as esperanças e expectativas dos seres humanos.

A conexão entre intimidade sexual e amorosa é bastante significativa na resolução de problemas tensionais. A satisfação sexual pode resolver muitas das tensões psicológicas da vida cotidiana, mas também pode impedir o desenvolvimento de uma relação afetiva em si. Para o bom desenvolvimento de uma vida afetiva é necessário o respeito.

Iakobson citado por Mosquera (1987, p. 90) afirma que o adulto jovem se caracteriza por sua grande sensibilidade emocional, pela sua disposição às influências e sua disponibilidade para partilhar estes sentimentos. Parece que

“existem certas atitudes frente aos sentimentos e assim teríamos que a pessoa aceita as suas vivências afetivas e se entrega a elas como qualidades vivenciais. Admite a indignação, a inquietude, o sentimento de ternura, a raiva...Esta atitude é bastante típica dos adultos jovens.”

Pode também acontecer o negar os próprios sentimentos e sentir-se culpado, isto especialmente sucede quando a pessoa se sente dicotômica, ou seja, por um lado se sente atraída, e por outro experimenta a culpa. Costuma acontecer nas experiências sexuais iniciais ou de maior envergadura nas quais os indivíduos conservam resquícios de sua educação infantil ou problemas de moralidade adquiridos em etapas anteriores. Este aspecto é bastante significativo e explica muitos dos choques emocionais existentes em comportamentos sexuais que apresentam problemas de consciência e podem atingir a auto-imagem e auto-estima.

Segundo Goleman citado por Olds e Papalia (1998, p. 411) *“o amor é uma atração e desejo intenso de estar com o ser amado. O significado e a expressão variam em diversas culturas e épocas.”*

A “*teoria triangular do amor*” de Sternberg, citado por Olds e Papalia (1998, p. 411) nos diz que o amor é composto por 3 elementos básicos: intimidade, paixão e compromisso. O primeiro é o elemento emocional que envolve a “*auto-revelação*”, a qual leva ao vínculo, afeto e confiança. O segundo, é o elemento motivacional, que se baseia nos impulsos internos, os quais são transformados, pelo fisiológico, em desejo sexual. O terceiro, é o compromisso, elemento cognitivo que é a decisão de amar e ficar com o seu amado (a). Os desencontros podem levar a problemas nos relacionamentos.

Certas pesquisas sugerem que a confiança (essencial para a intimidade) dependerá da segurança de vínculos anteriores, aqueles estabelecidos com os pais e cuidadores. O compromisso pode ser influenciado pelas recompensas e custos de estar envolvido numa relação; o quanto pode satisfazer as expectativas de cada parceiro; o investimento nele; a disponibilidade das alternativas desejáveis e os impedimentos para o abandono.

A famosa frase “*Os opostos se atraem*” não pode ser regra, pois assim como as amizades são escolhidas por afinidade ou/e identificação, a escolha de parceiro (as) se dá da mesma forma. Essas semelhanças podem ser: aparência física, criatividade, atratividade, saúde física e mental, inteligência, popularidade, libido e tantas outras.

Segundo Murstein citado por Olds e Papalia (1998, p. 412) esses casais tendem a serem semelhantes no grau no qual seus pais são felizes enquanto indivíduos e casal, bem como em fatores socioeconômicos, raciais, religiosos, educacionais e renda.

2.2. VIOLÊNCIA SEXUAL CONTRA A MULHER

Em todas as sociedades, em maior ou menor incidência, pelo mundo, as mulheres estão sujeitas a se tornarem alvos de maus tratos (físico, sexual e psicológico), independente de seu nível de renda, de classe ou cultural.

A expressão “*violência contra a mulher*” (Cardoso, 1996) se refere a qualquer e todo ato violento que tenha por base o gênero e que venha a resultar em danos físicos, psicológicos e sexuais, incluindo aí, ameaças, coerção e privação arbitrária da liberdade.

A violência sexual contra a mulher, conforme o autor em questão (1996, p. 18) vem a ser “*uma manifestação das relações de poder historicamente desiguais entre homens e mulheres, que tem causado a dominação da mulher pelo homem, a discriminação contra a mulher e a interposição de obstáculos ao seu pleno desenvolvimento.*”

Esta violência é derivada de hábitos culturais que perpetuam a condição de inferioridade imposta à mulher, sendo agravada por pressões sociais como a vergonha da denúncia e a falta de acesso à informações jurídicas.

Segundo Chauí, citado por Pereira (1997, p. 34) a violência contra a mulher “*constitui-se na manifestação de uma relação de força com fins de dominação, exploração e opressão que se efetiva em meio a relações sociais e assimétricas, dimensionadas no âmbito das classes sociais e das relações interpessoais.*”

Ainda segundo a autora, “*diante da interiorização das relações de dominação/subordinação, ou seja, da ação e da vontade alheia sobre os dominados, a*

perda de autonomia, assim como as diferenças convertidas em desigualdades, são apreendidas como se fossem naturais.”

Na Delegacia de Polícia para a Mulher (DPPM), de Porto Alegre, as principais ocorrências são de agressão física, de atentado violento ao pudor, mas principalmente de estupro, que é o tipo de crime que atinge a liberdade sexual da mulher, sendo somente ela sujeito passivo do crime. O ato sexual deve ser mantido mediante força e é imprescindível que haja introdução completa ou não do órgão copulador do agente na vagina da vítima, independente que haja ou não ejaculação.

O crime de Atentado Violento ao Pudor (Simão, 2000) é o constrangimento a alguém, mediante violência ou grave ameaça, a praticar ou permitir que com ela se pratique ato libidinoso de conjunção carnal.

Conforme a DPPM, em 1999 os registros de estupro chegaram a 78% dos casos atendidos, sendo a idade média das vítimas de 24 anos (havendo até mesmo uma ocorrência com uma mulher de 82 anos). As vítimas em sua maioria, eram estudantes, residiam na capital e foram abordadas por desconhecidos.

Segundo Cardoso, durante a IV Conferência Mundial sobre a Mulher (1995, p. 19), *“a violência de que são vítima as mulheres saiu da invisibilidade graças a ação do movimento de mulheres”*. No entanto, falar às mulheres brasileiras, significa ter de se dirigir a mais de 70 milhões de pessoas espalhadas por um país de dimensões consideradas continentais. Está sendo experimentada a capacidade dos meios de comunicação no que tange ao seu poder de influência sobre usos e costumes, bem como de mudança de mentalidade. A comunicação se tornou um espaço político, de desenvolvimento e de ideais de paz. Porém, a violência contra a mulher ainda é um grande obstáculo para chegar a tais objetivos.

A violência contra a mulher viola, prejudica e/ou anula o desfrute que a mesma poderia ter dos direitos humanos e liberdades fundamentais. Este tipo de violência é colocado por Lopes et al. (1996) como uma das formas de violação de direitos humanos mais praticadas e menos reconhecidas no mundo, já que afeta tanto a integridade corporal quanto o estado psíquico e emocional da vítima, incluindo seu senso de segurança.

Grossi citado por Lopes et al. (1996, p. 140): diz que “...*um único incidente de violência pode levar a mulher a ter pesadelos por anos, além de aversão a contatos íntimos, tornando impossível o estabelecimento de uma relação sexual saudável*”.

Rogers, Osborn e Pousada (1992, p. 290) conceituam o estupro não como um ato sexual, mas como “*um ato de violência com intercursos sexual como arma*”.

Pelos dados da Convenção sobre os Direitos da Criança expressos na IV Conferência Mundial sobre a Mulher, citado por Cardoso (1996), depreende-se que as meninas estão mais sujeitas a se tornarem vítimas da violência sexual do que os meninos

3. OBJETIVOS

Os objetivos desse trabalho foram:

- Aprofundar meus conhecimentos acerca de violência sexual contra a mulher, especificamente o estupro, através do estudo de caso em questão;
- Identificar como uma mulher que sofreu violência sexual percebe sua vida pré e pós-incidente, bem como as repercussões em seu futuro.

4. O CAMINHAR METODOLÓGICO

Este estudo caracteriza-se como uma investigação qualitativa, tipo estudo de caso, que teve como sujeito uma mulher na faixa etária caracterizada como adulto jovem. A escolha da metodologia qualitativa se deve ao fato de que a mesma *“tende a salientar os aspectos dinâmicos, holísticos e individuais da experiência humana tentando apreender os aspectos em sua totalidade, no contexto daqueles que os estão vivenciando”*, conforme os autores Polit e Hungler (1995, p. 18).

Minha opção em realizar um estudo de caso se deve ao fato de que o mesmo, segundo Stake (1998, p. 17) *“não é uma investigação de amostras. O objetivo primordial do estudo de casos é a compreensão de outros. A primeira obrigação é compreender esse caso. Em um estudo intrínseco, o caso está pré-selecionado.”*

Um estudo de caso se destaca pela unicidade e conforme afirma Stake (1998) isto implica no conhecimento de outros casos, podendo significar uma generalização para casos semelhantes, porém o autor deixa claro que uma característica real desses estudos é a particularização.

Segundo Erickson, citado por Stake (1998, p. 20) *“a característica mais distinta da indagação qualitativa é a ênfase na interpretação.”*

Os sujeito selecionado de maneira intencional para este estudo foi uma mulher que sofreu uma violência sexual, mais especificamente um estupro na adolescência. A seleção se deu segundo os critérios: demonstração de disponibilidade em participar do estudo, o nível sócio-cultural e suas expectativas futuras.

O instrumento utilizado para a coleta de dados foi uma conversa informal com a pesquisada e uma entrevista semi-estruturada (anexo 1), a qual, segundo Cortes

(1998) tem como principal característica basear-se em um roteiro que apresente questões com respostas abertas, onde o entrevistado pode discorrer de maneira livre sobre o tema proposto ou a pergunta formulada.

A coleta de dados foi realizada na residência da informante, após combinação prévia de data e horário. A escolha da residência justifica-se por acreditar-se que a participante se sentiu mais segura e confiante ao fornecer as informações. Os dados foram registrados de próprio punho pelo sujeito, uma vez que o mesmo demonstrou inibição frente ao uso de gravador. Nesse momento, combinei com o sujeito, uma data para buscar os dados escritos. Após o registro desses dados mantive contatos informais, com intenção de acrescentar dados que o mesmo achasse significativos. Os referidos dados foram registrados após assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (anexo 2).

Para manutenção da privacidade e sigilo das informações, o sujeito em nenhum momento é identificado com alguma característica, como por exemplo, idade, estado civil e profissão, além da incineração dos dados conforme o combinado previamente

5. ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

Para a análise dos dados da entrevista, busquei na técnica da Análise de Conteúdo, subsídios que pudessem me fundamentar na interpretação das falas do sujeito. A análise constituiu-se de três etapas básicas, conforme referido por Bardin (1995). Na primeira fase, chamada de “*pré análise*”, organizei o material, ou seja, num primeiro momento foi realizada uma leitura flutuante de toda a entrevista, na tentativa de me impregnar nesse instante do sentido que o sujeito colocava nas suas palavras. Nesse momento foram atendidas as regras básicas para a constituição de um corpus, isto é, um agrupamento dos conteúdos para serem submetido à análise.

Para a regra da “*exaustividade*”, tive o cuidado de conhecer todos os elementos na íntegra, colocados na entrevista.

Para a regra da “*representatividade*”, nesse caso, acredito que foi atendida, uma vez que os acontecimentos e sentimentos evidenciados no estudo, podem ser representativos de outros casos semelhantes. Isso quer dizer que outras mulheres na mesma situação podem apresentar características tanto nos sentimentos (medo, revolta, desconfiança) como nos acontecimentos (desmotivação, desmobilização e rupturas).

A regra da “*homogeneidade*” foi atendida no momento em que a entrevista foi conduzida somente por mim, atendendo assim o critério de aplicação de uma técnica singular.

Na fase chamada de “*descrição analítica ou fase de análise propriamente dita*”, foram feitas releituras do material buscando separar o texto em frases, palavras ou parágrafos significativos para o tema em questão. Esta parte constituiu-se de uma fase longa e exaustiva. Apareceram nesse momento as seguintes categorias iniciais,

provenientes das próprias questões investigativas: percepções na época do incidente, após o incidente, repercussões no estudo, no trabalho, no lazer, no convívio social, na sexualidade e na saúde, e também repercussões relacionadas ao futuro. Neste momento, ainda foi organizado um quadro de referências onde foram evidenciados além dessas categorias, as subcategorias e os temas extraídos do texto. Após, foram reagrupadas as categorias iniciais, surgindo duas categorias finais assim denominadas: Repercussões na época do incidente e Repercussões após o incidente.

Para a interpretação inferencial dos dados, ou seja, a terceira fase da análise de conteúdo, também chamada "*tratamento dos resultados e interpretações*", organizei um quadro de referências buscando evidenciar dados significativos do conteúdo manifesto do sujeito.

Quadro de referências

Categoria	Subcategoria	Temas
Repercussões na Época do Incidente	Acontecimentos Sentimentos	<p>“parei de estudar”</p> <p>“não conseguia acreditar que aquilo tivesse acontecido comigo”</p> <p>“me revoltei contra Deus”</p>
Repercussões Pós-Incidente	Acontecimentos Sentimentos	<p>“comecei a fazer tratamento com psiquiatra”</p> <p>“voltei a estudar”</p> <p>“pretendo me formar”</p> <p>“fui conhecendo pessoas adequadas ao meu estilo de vida”</p> <p>“sexo para mim, por muitos anos, não precisou existir”</p> <p>“medo de encontrá-lo pela rua”</p> <p>“medo de que meus colegas percebessem a transformação que tinha sofrido”</p> <p>“medo de encontrá-lo no trabalho”</p> <p>“medo de sair sozinha”</p> <p>“me causavam insegurança os lugares cheios”</p> <p>“eu nunca tinha vontade de manter relações”</p> <p>“leve tempo até confiar nas pessoas”</p> <p>“continuo a não gostar de sair sozinha”</p> <p>“certas coisas acontecem pra ser esquecidas”</p> <p>“não adianta viver do passado”</p> <p>“o que interessa agora é o que estão por vir”</p>

Na categoria Repercussões na época do incidente, eu quis conhecer através do relato do sujeito o significado e quais modificações que aconteceram na sua vida e também se estas alterações ou modificações poderiam deixar marcas, traumas

para o futuro e ainda, como poderiam ser enfrentadas. Emergiram as subcategorias denominadas Acontecimentos e Sentimentos.

Acontecimentos, nesse estudo, refere-se aos fatos desencadeados como: interrupção do estudo e isolamento social. Interromper os estudos na época da adolescência altera significativamente um projeto de vida. Segundo Gauderer (1998, p. 168) *“o isolamento social se estende ao seu funcionamento na escola, onde não consegue interagir adequadamente com colegas e professores, sentindo-se culpada e com raiva.”*

Com relação a Sentimentos, nesse estudo, apareceram como relevante, o medo, a desconfiança, a revolta, os quais podem ser traduzidos na seguintes falas: *“tinha medo de sair sozinha”, “leve tempo até confiar nas pessoas”, “me revoltei contra Deus”.*

Entre outras coisas, sentimentos vem a ser como a pessoa aceita a suas próprias vivências afetivas e como se entrega a elas no plano de qualidades vivenciais, admitir a indignação, a inquietude, a ternura, a raiva, entre outros. A aprovação e a aceitação desses sentimentos, ou seja, de nossos próprios sentimentos, evidencia o desenvolvimento, a maturação da personalidade. Em suma, pode se dizer que sentimentos é a maneira como a pessoa sente e interpreta suas vivências.

Na categoria Repercussões pós incidente, eu quis conhecer o que realmente modificou em sua vida ao longo dos anos, bem como a autopercepção do sujeito em relação a sua vida presente e futura.

Também emergiram nessa categoria, as subcategorias Acontecimentos e Sentimentos.

Em relação a Acontecimentos pode-se evidenciar uma busca em autorreorganizar-se que emerge através das falas: *“fui conhecendo pessoas adequadas ao meu estilo de vida”, “voltei a estudar”, “comecei a fazer tratamento com psiquiatra”* e *“pretendo me formar”*. Aparece as tentativas de superação do trauma. Sua auto-percepção no “ajudar-se” denota sua vontade de levar uma vida o mais próximo possível do normal, dentro de suas limitações.

Na subcategoria Sentimentos, persistiu o medo, evidenciado em falas como: *“medo de encontrá-lo no trabalho”, “medo de sair sozinha”, “medo de encontrá-lo pela rua”, “medo que meus colegas percebessem a transformação que tinha sofrido”*.

O medo pode ser entendido como expectativa à acontecimentos considerados negativos. Luft (1990, p. 369) conceitua medo como *“suspeita de perigo”*, abrangendo até *“aprensão do espírito”*. Para Ulich (1985) os componentes essenciais do medo são a insegurança, o desamparo, a expectativa de fracasso, a dependência, entre outros. Isto, apareceu nos relatos onde o sujeito apresenta as referidas características. O medo pode surgir, em geral, sempre que uma pessoa tenta viver e atuar de acordo com certas necessidades e objetivos. Para esse autor (1985, p. 271) *“o medo é um estado emocional de tensão psíquica e que pode aparecer em todas as relações sociais e materiais com o meio ambiente e o futuro (...) se antecipa uma tensão que constitui por si só uma sobrecarga emocional.”*

A insegurança e o desinteresse sexual são respectivamente evidenciados nas falas *“me causavam insegurança os lugares cheios”* e *“eu nunca tinha vontade de manter relações”*.

Ainda, como Sentimentos, apareceu a resignação presente na fala *“certas coisas acontecem para ser esquecidas”*; o conformismo em *“não adianta viver do passado”*, e a esperança, retratada em: *“o que interessa agora é o que está por vir”*.

Resignação aqui, é entendida por Luft (1990, p. 484) como *“conformidade no sofrimento”*, ou seja, aceitar e procurar conviver da maneira menos dolorosa possível com o sofrimento. O conformismo, entendido como uma atitude de conformar-se com tudo, ou seja, uma aceitação passiva da situação. E a esperança, como uma expectativa otimista de esperar o que é desejado.

Segundo Cardoso (1995, p. 97), a violência contra a mulher *“viola, prejudica e/ou anula o desfrute que a mesma poderia ter dos seus direitos humanos e liberdades fundamentais.”*

Em qualquer sociedade, independente dessa incidência ser maior ou não, as mulheres estão sujeitas aos maus tratos. Esses podendo ser de ordem física, sexual e/ou psicológica, dependendo do nível sócio-econômico ou cultural da mulher atingida.

Esta violência é consequência de hábitos culturais espalhados pelo planeta, os quais colocam e perpetuam a mulher numa condição de inferioridade em relação ao homem. Este problema acaba sendo agravado pelas fortes pressões sociais, como por exemplo, a vergonha de denunciar a violência sofrida e a inacessibilidade à informação jurídica.

O mesmo autor ainda refere que (1995, p. 98) a violência contra a mulher é considerada como *“uma manifestação das relações de poder historicamente desiguais entre homens e mulheres, que tem causado a dominação da mulher pelo homem, a discriminação contra a mulher e a interposição de obstáculos ao seu pleno desenvolvimento.”*

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho me proporcionou uma melhor compreensão das situações vividas por mulheres violentadas, não só sexualmente, mas vítimas de outros tipos de violência, como social, psicológica, emocional, cultural, entre outros.

Percebi, em muitos momentos, ao longo dos estágios realizados durante o curso, que as mulheres demonstram, através de comportamentos e falas, uma necessidade de compartilhar suas vivências de maus tratos. O papel da enfermeira, ao identificar tais situações, reveste-se de uma importância significativa e apresenta muitos desafios, pois esse profissional precisa aprender a lidar com seus conflitos internos para poder auxiliá-las na condução de seus processos de vida.

Como um de meus objetivos era aprofundar conhecimentos sobre a violência, a literatura me proporcionou conhecer dados de discussões relatados em congressos, jornadas, cursos e mesmo em órgãos públicos. Chamou-me a atenção um dado local em que os registros de estupro, em 1999, chegaram a 78% dos casos atendidos, sendo a idade média das vítimas 24 anos.

Conhecer as manifestações da violência advindas de hábitos culturais, sociais e econômicos, os quais perpetuam a condição de inferioridade imposta à mulher, me leva ainda a questionamentos e dúvidas.

Em relação a meu segundo objetivo, que era identificar como uma mulher que sofreu violência percebe sua vida e as repercussões no futuro, me proporcionou descobrir que os seus relatos revelaram uma reorganização de vida.

Cabe inferir, que talvez os fatores familiares, sociais, estruturais, possam ter contribuído para essa reestruturação. O sujeito em questão, na época do incidente,

morava com os pais, estudava, referiu uma infância normal no interior do estado, onde morava.

Compreender as características da vida adulta, como por exemplo, o início da vida produtiva, a formação da identidade, a afetividade e a sexualidade, me ajudou a interpretar as falas do sujeito. A busca da identidade profissional da entrevistada vai ao encontro do que a literatura refere, pois o significado do trabalho é essencial para uma personalidade sadia e conforme Hubert citado por Mosquera (1987, p. 79), *“a formação da personalidade consiste num processo de auto-aprendizagem, o qual conduz à realização e ao ideal de vida.”*

Aparece evidente, na fala do sujeito, que as repercussões pós incidente são conseqüência de modificações na sua vida. Uma dessas modificações que me chamou atenção foi a busca de um tratamento psiquiátrico, na tentativa de se reorganizar. Em relação à sentimentos evidenciados, o “medo” permeou muitos dos relatos, traduzido não só no medo físico como *“medo de sair sozinha”*, *“medo de encontrá-lo pela rua”*, como também o medo psicológico, o qual aparece na fala *“medo que meus colegas percebessem a transformação que tinha sofrido”*.

A finalização desse trabalho não encerra nesse momento, pelo contrário, inicia agora um caminho que me faz refletir sobre a postura do enfermeiro frente a casos de violência. O compromisso desse profissional se reveste de atitudes, obrigações, julgamentos, formulação de conceitos preocupados com a ética. Proporcionar auxílio a essas mulheres implica, além de auto-conhecimento e auto-reflexão, um aprendizado constante de como facilitar uma comunicação aberta, real e honesta com estas mulheres que tem sido vítima de violência.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARDIN, Lawrence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1995.
- BEE, Helen. **O ciclo vital**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- CARDOSO, Ruth. **IV Conferência mundial sobre a mulher**. 20ª ed. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1996.
- CORTES, Soraya M. Vargas. Pesquisa social empírica: métodos e técnicas. Técnicas de coleta e análise qualitativa de dados. **Cadernos de Sociologia**, Porto Alegre, v.1, n.9, p.11-47, 1998.
- GARDERER, Cristian. **Crianças adolescentes e nós: guia prático para pais, adolescentes e profissionais**. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1998.
- GOLDIM, José Roberto. **Manual de iniciação à pesquisa em saúde**. Porto Alegre: Dacasa, 1997.
- GROSSI, Patrícia Krieger. **Violência contra a mulher: implicações para os profissionais da saúde**. In: LOPES, Marta Julia Marques. MEYER, Dagmar Estermann; WALDOW, Vera Regina. **Gênero & Saúde**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.
- KANTORSKI, Luciane Prado; MOREIRA, Águida Fátima; LUZ, Hildete Bahia da. Representação da violência contra a mulher sob o olhar dos sujeitos que atuam na delegacia de mulher. **Texto e Contexto**. v.6, n.1, p.93-112, 1997.
- LUFT, Celso Pedro. **Pequeno dicionário da língua portuguesa**. 2. ed. São Paulo: Scipione, 1990.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 2. ed. São Paulo-Rio de Janeiro: Hucitec-Abrasco. 1993.

- PAPALIA, Diane E.; OLDS, Sally Wendkos. **Desenvolvimento Humano**. 7. ed. Porto Alegre: ArtMed, 1998
- POLIT, Denise F.; HUNGLER, Bernardette P. **Fundamentos de pesquisa em enfermagem**. 3. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.
- ROGERS, Jean H.; OSBORN, Harold H.; POUSADA, Lidia. **Enfermagem de emergência**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992
- SIMÃO, Jussara Constança. In: 3. Jornada Gaúcha de Sexualidade Humana **Violência sexual.**, Anais, 2000.
- STAKE, Robert E. **Investigación con estudio de casos**. Madrid: Morata, 1998.
- ULICH, Dieter. **El sentimiento: introducción a la psicología de la emoción**. Barcelona: Herder, 1995.

ANEXO 1

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE ENFERMAGEM****ROTEIRO DA ENTREVISTA**

Dados de identificação:

Idade
Estado civil
Grau de instrução
Trabalho

1) Como você percebe a sua vida após o incidente de violência que sofreu?

2) O que modificou a sua vida em relação:

2.1 Estudo
2.2 Trabalho
2.3 Lazer
2.4 Sexualidade
2.5 Convívio social
2.6 Saúde

3) Como você percebe o seu futuro?

ANEXO 2

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO*

Estou realizando um estudo sobre a violência sexual contra a mulher e suas repercussões na vida adulta.

O mesmo tem por objetivo buscar maiores conhecimentos sobre o assunto e identificar como uma mulher, na faixa etária de adulto jovem, que sofreu violência sexual, percebe sua vida após o incidente, possibilitando com isso, uma maior eficácia na recuperação do trauma.

O instrumento utilizado para coleta de dados, será uma conversa informal e uma entrevista semi-estruturada. As respostas à entrevista não acarretarão prejuízo à informante.

A coleta de dados será realizada na residência da informante, após combinação prévia de data e horário. Os dados serão registrados após assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Pelo presente Termo de Consentimento Livre Esclarecido declaro que fui esclarecida de forma clara e detalhada, livre de qualquer forma de constrangimento e coerção, dos objetivos, das justificativas, dos procedimentos que serei submetida e dos benefícios do presente Estudo.

Fui igualmente informada:

- Da garantia de receber resposta a qualquer pergunta ou esclarecimento a qualquer dúvida acerca dos procedimentos e outros assuntos relacionados ao estudo;
- Da liberdade de retirar meu consentimento, a qualquer momento, e deixar de participar do estudo, sem que isso traga prejuízo na vida pessoal como na profissional;
- Da segurança de que não serei identificada e que se manterá o caráter confidencial das informações relacionadas com a minha privacidade, observando-se que o questionário das respostas será incinerado após a análise das questões.

Nome e assinatura do participante:

Assinatura da aluna:

Data:

Obs.: Duas vias (uma para o participante e outra para a aluna).

* O teor deste documento foi baseado nas Normas em Saúde, do Conselho Nacional de Saúde – Resolução 196/96 citada por Goldim (1997, p. 191-192).